



O conceito de nostalgia de unidade e o sentimento do absurdo em O mito de Sísifo de Albert Camus

Alberto Luiz Silva de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo tratar sobre o conceito de nostalgia de unidade e o sentimento do absurdo. Estes dois conceitos participam de forma fundamental do pensamento existencial do filósofo franco-argelino Albert Camus. A partir da reflexão disposta por esses dois conceitos, buscamos responder a dois problemas que se apresentam: a) como se constitui a relação entre consciência e mundo fenomênico, e b) como a dinâmica do sentimento do absurdo e a unidade com o mundo formam uma leitura original do autor sobre questões clássicas da filosofia existencial. Justamente buscando responder essas questões, optamos por uma curadoria bibliográfica que se estende do texto O mito de Sísifo (1942) a obras secundárias e também textos de comentadores do autor.

Palavras-chave: existência; nostalgia; absurdo; metafísica.

The concept of nostalgia for unity and the feeling of the absurd in Albert Camus's The myth of Sisyphus

Abstract: The aim of this article is to address the concept of nostalgia for unity and the feeling of the absurd. These two concepts play a fundamental role in the existential thought of the Franco-Algerian philosopher Albert Camus. Based on the reflection provided by these two concepts, we seek to answer two questions: a) how is the relationship between consciousness and the phenomenal world constituted, and b) how does the dynamic of the feeling of the absurd and unity with the world form the author's original interpretation of classic existential philosophy issues. To answer these questions, we opted for a bibliographic curation that includes the text "The myth of Sisyphus" (1942), secondary works, and texts by commentators on the author.

Keywords: existence; nostalgia; absurd; metaphysics.

El concepto de nostalgia de unidad y el sentimiento del absurdo en El mito de Sísifo, de Albert Camus

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo abordar el concepto de nostalgia de unidad y el sentimiento del absurdo. Estos dos conceptos participan de manera fundamental en el pensamiento existencial del filósofo franco-argelino Albert Camus. A partir de la reflexión proporcionada por estos conceptos, buscamos responder a dos problemas centrales: a) cómo se constituye la relación entre la conciencia y el mundo fenoménico, y b) cómo la dinámica entre el sentimiento del absurdo y la unidad con el mundo forma una interpretación original del autor sobre cuestiones clásicas de la filosofía existencial. Con el fin de responder a estas cuestiones, optamos por una curaduría bibliográfica que abarca El mito de Sísifo (1942), obras secundarias y textos de comentaristas del autor.

Palabras clave: existencia; nostalgia; absurdo; metafísica.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: albertoluiz968@hotmail.com.

1 Introdução

O pensamento existencial formulado por Albert Camus entre os anos de 1937 a 1945 tem como objetivo refletir sobre a condição humana atravessada pelo sentimento do absurdo. Essa condição, descrita progressivamente através do diálogo com a filosofia existencial, o pensamento trágico e a literatura, é marcada pela compressão de um modo específico de relação entre o ser humano e o mundo fenomênico. Para Camus, o mundo sensível é personagem indispensável para a construção existencial do indivíduo, o que confere a esse pensamento existencial sua originalidade e também problemas próprios na construção do seu itinerário filosófico. Como deve ser de conhecimento de todos que têm interesse nesta área da filosofia, o pensamento existencial sustenta entre seus autores temas como: a angústia, a liberdade e a condição humana diante da transcendência com o divino, ou ausência dele. E cada uma dessas condições reflete problemas metafísicos que constituem uma imagem própria que expressa a condição existencial do ser humano. Essa imagem tradicional do pensamento existencial tem a existência como um produto de uma condição ontológica que transborda para a vida cotidiana. Seja o problema da finitude ou da liberdade, como tema existencial sempre figuram em uma inquietação interior para que depois seja expressa em certos aspectos na materialidade (Reynolds, 2012, p. 34).

Essas tensões e problemas constituem, em grande parte, o pensamento existencial do ocidente. Na elaboração do pensamento de Camus, podemos observar que a reflexão sobre a existência humana e sua condição é atravessada por uma dinâmica de profundas oposições. Os temas comuns ao pensamento existencial parecem entrar como secundários na reflexão do autor, principalmente na argumentação disposta em seu ensaio filosófico *O mito de Sísifo* (1942). Pois, a centralidade da provocação disposta por Camus sobre a existência está constituída em uma relação constituída por uma hostilidade que se apresenta na sensibilidade do absurdo. Pois, para o autor, o sentido da vida humana é um produto de uma tensão descrita por uma dinâmica de hostilidade entre o mundo fenomênico e a consciência, que resulta na apreensão do sentimento do absurdo, e a partir do sentimento absurdo, um conceito do absurdo.

Essa dinâmica para Camus é sustentada pelo atrito entre dois elementos fundamentais e um terceiro como consequência. O primeiro objetivo deste artigo é apresentar o conceito de nostalgia humana, ou a nostalgia de unidade, e como esse conceito vai constituir de forma direta e indireta uma sequência de noções epistemológicas sobre o

mundo e sobre o próprio indivíduo. Para além de seu aspecto existencial, nos parece transparecer no texto do autor que o conceito de nostalgia demarca um modo próprio da consciência de apropriação epistemológica do mundo fenomênico, e este um elemento que desejamos esclarecer.

Um segundo aspecto que objetivamos nessa reflexão é compreender como a partir da demarcação operada pela nostalgia de unidade, o mundo natural é compreendido pelo autor e sua dinâmica fundamental. Como iremos observar no decorrer da leitura do texto do autor, a existência humana e o mundo natural são itens indissociáveis. Custa clarificar portanto como essa dinâmica é pensada pelo autor sem perder os elementos temáticos que ele deseja sustentar. A nostalgia e o mundo fenomênico formam dois aspectos fundamentais da obra existencial Camusiana (Reynolds, 2012, p. 35).

Como terceiro elemento objetivado nesse texto buscaremos apresentar como o sentimento do absurdo possibilita a elaboração de uma compreensão de *unidade com o mundo* a partir de uma dimensão estética e trágica. Este terceiro elo da dinâmica existencial formulada por Camus, parece conferir a sua reflexão um elemento estritamente original à medida que busca reunir entre o simbólico e o estético uma nova unidade do indivíduo e o do mundo fenomênico sustentando os seus termos originais. Este terceiro objetivo parece apontar para uma percepção bastante peculiar do autor na organização da relação entre existência, epistemologia e estética para alcançar uma compreensão mais ampla do “sentido da vida”.

Por fim, este artigo visa refletir a partir da bibliografia do autor as questões em torno dos itens destacados acima. E como na análise existencial do autor se expressa a relação entre sensibilidade e interioridade. Julgamos importante lançar luz sobre essa dinâmica e como o pensamento existencial do autor vai se construir em torno desses elementos para assim alcançar uma clareza argumentativa de como a existência responde à questão sobre o sentido da vida. O objetivo dessa reflexão por fim buscará observar também o papel do absurdo na construção da condição humana. Se o absurdo é um produto da nostalgia humana e do mundo natural, julga-se necessário refletir como este item se porta no jogo deste dinamismo.

2 A nostalgia de unidade e o absurdo

A obra de Camus é elaborada a partir de duas estruturas epistemológicas

fundamentais, a sensibilidade e a razão descritiva. Essas duas estruturas possibilitam o contato com a forma como o autor percebe as dinâmicas da existência humana. Não estamos advogando a ideia que o pensamento do autor participa da tradição de uma filosofia fechada em grandes sistemas organizados por categorias abstratas. Advogamos o oposto, mesmo que o pensamento do autor se utilize de estruturas conceituais, essas estruturas não estão postas como fundamentos universais para a condição humana. Há, para Camus, uma dinâmica que atravessa dialeticamente conceitos e sensibilidade que não pode ser alcançada em sua totalidade. É justamente o que gostaríamos de apresentar nesse primeiro momento, pois a nostalgia de unidade pode ser lida como uma experiência fragmentada entre a percepção de uma sensibilidade explicitada pela consciência, e um desejo inconsciente ou seja um *sentimento profundo*. O conceito só consegue clarificar o que é perceptível para a consciência do indivíduo, e por essa consciência que percebe o que emerge da interioridade (Camus, 2018, p. 25 e 27). Está dinâmica pode parecer paradoxal, entretanto se tornam fundamentalmente conexas com a disposição do autor em sua reflexão.

Nos termos Camusianos a relação entre homem-mundo é marcada por uma hostilidade fundamental, um atrito entre a consciência e o mundo natural, e o produto deste atrito é percebido como o *sentimento do absurdo*. Esse é o ponto de partida de toda a reflexão que acompanhará a produção existencial do autor (Camus, 2018, p. 44-45). Portanto, podemos afirmar que, para o autor, a condição humana não é absurda por um movimento solipsista de sua interioridade; é absurda pelo estreitamento hostil de certos modos que a consciência deseja alcançar sob o movimento indiferente do mundo fenomênico. Podemos afirmar que a forma como Camus estabelece os parâmetros de sua leitura da condição absurda do ser humano reside em um diálogo muito próximo com o pensamento filosófico produzido nos últimos dois séculos, e com certos problemas epistemológicos que perpassam a tradição filosófica (Camus, 2018, p. 33). A questão de como se estabelece a relação entre homem e mundo é um tópico central da leitura que o autor faz a partir do pensamento existencial. Pois, como veremos posteriormente, a compreensão do absurdo necessita profundamente da manutenção dessa relação epistemológica entre o ser humano e o mundo fenomênico. Afinal, a construção imagética da existência humana é permeada pela construção histórica de um “mundo simbólico²” que

² Optamos por utilizar esse termo “mundo simbólico” para facilitar a compreensão do antagonismo entre natureza (mundo fenomênico), e o desejo de ordem que emerge à consciência que será tema recorrente desse artigo. Camus propriamente não utilizou esse termo, “mundo simbólico” mas as inferências que ele apresenta

formata, em certo sentido, como o indivíduo vai se perceber e ser percebido no cotidiano.

Entretanto, esse “mundo simbólico” é apenas um modo construído pela consciência em relação ao movimento do mundo fenomênico. Ou seja, por ele compreendemos o complexo sistema de signos e símbolos que engendram a cultura e a tradição racional da humanidade. Esta estrutura constitui a referência do que é humano ou não, o que é cognoscível ou não, o que é legítimo ou não. A cultura é o estado formal desse complexo sistema de signos que forma e se forma a partir da experiência histórica e metafísica dos seres humanos. Nos últimos séculos, o conhecimento racional tomou o protagonismo dessa relação homem-mundo e a construção efetiva desse mundo simbólico, e por sua vez o modo como a consciência se relaciona com a experiência com a realidade. Esse é um horizonte de reflexão que nunca irá abandonar a reflexão do autor; a condição humana não é formulada na pura abstração, mas na constante relação do ser humano e do mundo dos fenômenos (Camus, 2018, p. 45). A relação homem e mundo é indissociável na construção do ser humano em suas mais variadas configurações da cultura, e a cultura, por sua vez, é apenas uma face da relação que se constrói no processo histórico do ser humano. Afirma Camus:

O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. Isto é o que não devemos esquecer. A isto é que devemos nos apegar, porque toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz (Camus, 2018, p. 42).

Justamente esses três elementos citados acima fundamentam a dinâmica da condição humana. O irracional e a nostalgia humana são as superfícies onde o atrito sinaliza à consciência que a condição humana é marcada pelo absurdo. É importante também definir que a nostalgia humana é um diversificado sistema de afetos inconscientes que emergem pela consciência como um desejo, refletido na construção do mundo simbólico. O termo não é estranho ao ocidente, tendo suas raízes ainda na tradição ainda na Grécia clássica, onde poderemos encontrar duas palavras como *raiz*, *nóstos* que é interpretado como “retorno”, e *algos* que pode ser interpretado como “sofrimento”. Comumente o termo “nostalgia” remete a um desejo de retorno a uma condição perdida, um anelo profundo de uma perda, ou do desejo de retornar a um estado originário (Camus,

em *O mito de Sísifo* (1942) nos possibilitam apresentar esses dois termos para melhor compreensão do leitor da ideia de atrito que revela a condição humana pelo absurdo (Camus, 2018, p. 50).

2018, p. 62).

A referência mais explícita da origem desse termo pode ser encontrada como núcleo da Odisseia, poema épico de Homero, onde o Odisseu tem o “*nóstos*”, como grande motivador narrativo para a sua vida. O herói homérico é movido pelo desejo de retornar a sua pátria (Da Silva Duarte, 2001, p. 4). E, este sentido mais profundo do termo tem motivado inúmeras leituras do termo. Miceia Aliade em sua obra *Origens: história e sentido na religião*, irá formular um estudo da presença da nostalgia como elemento fundante do movimento religioso. A partir da leitura desse autor compreende-se como o apelo ao retorno ao paraíso que se perdeu é um tema recorrente no sentimento religioso, e em certo sentido essa relação do sentimento de nostalgia e o desejo por uma ordem superior é fonte de inspiração para Camus e sua leitura do termo em sua obra.

Poderia dizer-se que a ansiosa procura das origens da Vida e da Mente, o fascínio pelos “mistérios da Natureza”, o impulso de penetrar e decifrar as estruturas internas da Matéria – todos esses anseios e impulsos denotam uma espécie de nostalgia pelo primordial, pela matriz original universal. A Matéria, a Substância, representa a origem absoluta, o começo de todas as coisas: Cosmos, Vida, Mente. Há um irresistível desejo de romper profundamente o tempo e o espaço para atingir os limites e os primórdios do Universo visível, e em especial para desvendar o solo fundamental da Substância e o estado germinal da Matéria Viva (Eliade, 1989, p. 55).

Na medida que o termo se cristaliza na cultura como esse desejo profundo de um retorno a uma “condição primeira” podemos compreender com mais nitidez o sentido que Camus utiliza o termo para aludir sua ideia de nostalgia de unidade, ou nostalgia humana. Para Camus, há no inconsciente uma certa exigência de clareza, ordem, finalidade e à medida que esses afetos emergem da consciência, eles configuram este modo de existência humana marcada pela nostalgia de unidade (Camus, 2018, p. 31). A linguagem, o simbólico são instrumentos da consciência em seus modos de leitura e classificação da realidade. O atrito surge justamente quando o mundo natural, chamado aqui de irracional, supera as condições prévias que a razão e certos afetos humanos lançam de forma consciente ou inconsciente sobre a superfície do mundo. É importante considerar que para Camus a razão opera como “um modo de leitura da realidade”, pois a descrição humana do mundo já produziu outros modos como: mitos, religiões e sistemas filosóficos. Entretanto, uma marca é comum a todos esses modos de leitura, a necessidade humana de reduzir “o irracional” a uma estrutura dialógica.

Portanto, essa condição singular de relação do ser humano para com o mundo, que

para Camus é a primeira providência da razão, como esse grande modo de leitura da realidade, é distinguir o verdadeiro do falso. Esta operação lógica é disposta para Camus como uma necessidade humana de organizar o mundo e estabelecer para ele certas categorias cognoscíveis (Camus, 2018, p. 31). Dispor o mundo em categorias razoáveis para que desta forma a causalidade tenha elos inteligíveis pela própria razão. Esses elos unem através da razão diferentes signos e símbolos culturais, que têm como função apontar para uma providência natural da mente humana: que é a redução e ordenação dos fenômenos dentro de uma lógica ou uma linearidade. Torna-se perceptível que o esforço da consciência em ordenar o mundo é um esforço de reconhecer ou implicar na superfície dos fenômenos traços de familiaridade, ou seja, encontrar no mundo indiferente traços de racionalidade e intencionalidade. Não é gratuito que os primeiros modos de leitura da realidade que buscaram saciar a nostalgia de unidade na antiguidade representavam os fenômenos através de uma mística ritualística que aproximava dos deuses e seus caprichos com as manifestações dos fenômenos naturais.

[...] Se o homem reconhecesse que o universo também pode amar e sofrer, estaria reconciliado. Se o pensamento descobrisse nos espelhos giratórios dos fenômenos relações eternas que os pudessem resumir e resumir a si mesmas num princípio único, poderíamos falar de uma felicidade do espírito da qual o mito dos bem-aventurados seria uma ridícula falsificação. Essa nostalgia de unidade, esse apetite de absoluto ilustra o movimento essencial do drama humano (Camus, 2018, 32).

Na modernidade, descartamos os deuses e erguemos para nossa própria preservação o império cognitivo de uma razão instrumental segmentada por áreas e expertises. Esse movimento da razão moderna ressignifica o conteúdo dos “paraísos”, de um passado para um futuro idealizado nas ideologias modernas que serão construídas sobre a natureza irreduzível. Para Camus, o progressivo abandono dos deuses como expressão do nosso desejo não descaracteriza o conteúdo da nostalgia. A tradição espiritual do Ocidente dá lugar à racionalidade sistemática, que é atualizada em um cientificismo adotado pelo movimento ideológico (Camus, 2018, p. 55-56). Há sempre na aventura humana uma tentativa de deslocamento que direciona o “irracional” em direção aos termos e categorias da mente que desejam direcionar o mundo a um modelo pró-forma de normatividade. E, a partir da normatividade, justificar um modo de existência. E, como já foi aludido, a afirmação do nosso desejo mais profundo diante de um mundo desprovido de racionalidade é que pudessemos encontrar em uma superfície traços de humanidade, afetividade, intenção.

Desta forma, encontraríamos no mundo natural o pertencimento que expulsa da existência a angústia e a incerteza. Não é por acaso que as místicas antigas atribuíam aos fenômenos da natureza as características humanas. Os deuses tinham paixões, desejos, apetites, vaidades e outros tantos traços da psique humana. Até mesmo no cristianismo, Deus tornou-se carne, humanizou-se para que assim pudesse redimir o mundo da cultura e a natureza afetada pelo pecado. Essa manobra da consciência tende a reduzir o que é irreduzível na natureza em critérios racionalizáveis, ou seja, uma estrutura antropomórfica. Deste movimento constrói-se uma dualidade artificial, um mundo simbólico fundamentado por conceitos, ideologias e místicas liturgias, que atendem as necessidades da nostalgia humana, e um mundo natural, que é por seu movimento desprovido de racionalidade hostil ao desejo humano.

Quando Camus reflete sobre este conteúdo da nostalgia de unidade, ele está descrevendo uma dinâmica de relação homem e o mundo idealizado pela consciência. Essa dinâmica está descrita no movimento da razão em dar ao mundo indiferente uma face, uma silhueta humana (Paiva, 2009, p. 9). Percebemos que essa forma de construção de sentido parte da necessidade de gerar para o indivíduo saúde psíquica ou conforto. Esta é uma leitura possível, afinal o desejo dos indivíduos expresso nas diversas culturas na história é a justificação de certo incômodo existencial que marca a experiência do ser humano e do mundo ao seu redor. Como se gradualmente a cultura forjasse um “espaço” à parte da realidade, dos movimentos da causalidade. À medida que ideias como “humanidade”, “racionalidade”, “finalidade” vão sendo introduzidas ao imaginário comum dos indivíduos imersos na cultura, maior se torna a percepção de separação entre esse indivíduo e o mundo dos fenômenos (Camus, 2018, p. 20). E como consequência o absurdo surge para Camus, como o resultado desse modo singular de leitura da realidade que o mundo simbólico em atrito com a irreduzibilidade do mundo fenomênico.

O sentimento do absurdo surge à consciência justamente na fragilidade do desejo humano diante do movimento irreduzível dos fenômenos. A fratura entre o desejo humano por ordem e o movimento irracional do mundo se revela na quebra da certeza, ou da garantia da providência divina, é o que justamente constitui a percepção do sentimento do absurdo (Bernardo, 2023, p. 31). O absurdo é esse terceiro elemento da equação que sinaliza à consciência uma ruptura da estabilidade prometida pela nostalgia de unidade. Quanto mais antropomórfica for a imagem imposta ao mundo, maior é o movimento de esforço para torná-la estável, linear. E, por sua vez, mais suscetível a ser superada pelo

movimento indiferente dos fenômenos. É também essa dinâmica que permite a condição absurda ser palpável à própria racionalidade (Camus, 2018, p. 44). Descrevemos que a condição humana é absurda pela comparação entre um certo estado de ordem que esperamos do mundo natural e o movimento de afastamento que, por escala, se impõe a esse nosso desejo. Esse movimento caótico emerge à consciência como um afeto. Para Camus, os afetos profundos, ou inconscientes, são conhecidos unicamente porque eles suscitam uma metafísica. E, por metafísica, o autor entende um conjunto de hábitos e atitudes frente à realidade e outros indivíduos. Essa compreensão de metafísica como fonte de hábitos e atitudes frente à realidade reforça a própria compreensão de que a nostalgia de unidade é a fonte de onde emana todas as metafísicas que, pela tradição, buscam a unidade, o absoluto como uma atitude de superar o irracional e construir a partir do Mundo simbólico todo um universo abstrato de regularidade para a natureza.

Como as grandes obras, os sentimentos profundos significam sempre mais do que têm consciência de dizer. A constância de um movimento ou de uma repulsa numa alma é encontrada em hábitos de fazer ou de pensar e prossegue em consequências que a própria alma ignora. Os grandes sentimentos levam consigo o seu universo, esplêndido ou miserável. Iluminam com sua paixão um mundo exclusivo, onde eles encontram seu ambiente. Há um universo do ciúme, da ambição, do egoísmo ou da generosidade. Um universo significa uma metafísica e uma atitude de espírito (Camus, 2018, p. 25).

Mediante a falha da regularidade, apostamos em mundos futuros, outras vidas, outras realidades para sustentar nosso desejo de unidade. Para Camus, nesse jogo de relações, a razão parece assumir um papel reativo e posterior ao sentimento do absurdo. E sendo o absurdo um afeto inapreensível em sua totalidade, ele não se origina nas faculdades da razão; ela, por sua vez, tenta unicamente descrevê-lo e, posteriormente, compreendê-lo (Camus, 2018, p. 27). A imagem do estrangeiro, do divórcio, da lassidão são as tentativas da razão de dar corpo a um sentimento profundo que marcar é condição singular dos indivíduos e do mundo. Não deve por si constituir um modo de ação, ou um método de ação. Mas sua natureza afetiva pode gerar uma metafísica, ou seja, um conjunto de hábitos e gestos com os quais os indivíduos se relacionam com sua nostalgia de unidade e o mundo natural. Ou seja, mesmo o absurdo não gestando um método de vida, ele pode formular uma imagem provisória da existência humana. Se a nostalgia de unidade forma a imagem que naturalmente a existência humana é lida, ou descrita, o absurdo pode gerar certa consciência e uma atitude para a existência, que podemos chamar de lucidez (Camus, 2018, p. 29). E, aferimos como provisória pois ela dependerá de como

a consciência é afetada e a própria condição subjetiva do indivíduo.

O absurdo – a conjunção entre a consciência que clama por respostas e o mundo que silencia – atualiza permanentemente a cisão fundamental inscrita em toda subjetividade; condena-nos ao estranhamento. Com ele, a nostalgia da unidade eclode, suscitando tanto o anseio por um passado imemorial quanto a aspiração por um reencontro futuro. [...] A expectativa tácita, oblíqua, de que a unidade perdida seja enfim reencontrada tem na fé e na esperança sua manifestação modelar (Paiva, 2009, p. 11).

3 A unidade com o mundo e o sentido da vida

Como foi aludido anteriormente, a nostalgia de unidade é representada por um modo particular de leitura da realidade, e estabelece para os indivíduos uma forma própria de identidade existencial. Como um movimento dialético, ela descreve os elementos que devem configurar a existência humana e, à medida que os indivíduos vivenciam a vida, ela vai se complexificando para atender ao desejo originário de regularidade. Esta é, entretanto, a forma como a tradição ocidental se configurou; a existência e a filosofia existencial em quase toda sua maioria refletem sobre a existência a partir dos elementos formulados pelo apelo metafísico de uma tradição espiritualista. As questões que eclodem no âmbito da reflexão existencial são comumente de natureza afirmativa de uma transcendência no absoluto ou numa reação negativa a essa transcendência (Camus, 2018, p. 55). A princípio, a nostalgia de unidade por si só não representa para Camus um problema; ela é uma condição do ser humano enquanto existente. A questão que surge são as consequências que se seguem na tentativa de saciar o desejo humano. Na afirmação da existência como fruto de uma metafísica espiritualizada, incorremos no risco de atribuir a significação da existência unicamente por elementos abstratos ou ligados a mundos possíveis que não têm participação da realidade.

Entretanto, o problema reservado aos textos Camusianos reside, justamente nos ciclos viciosos que impõem um modo de leitura da realidade que separa o ser humano do mundo natural e liga vitalmente a existência a uma exigência metafísica, ou abstrata, que constitui o atrito sinalizado pelo sentimento do absurdo. Ou seja, a busca pelo sentido da vida, ou da felicidade, é inviabilizada pelo afastamento do ser humano e do mundo que o gestou. A felicidade, por exemplo, deixa de ser uma condição sensível no mundo e é elevada aos campos inalcançáveis dos conceitos ou de outras vidas (Camus, 2018, p. 73). E é essa separação, esse distanciamento do mundo natural pelo mundo simbólico gerado na

tradição ocidental que marca a existência como uma abertura sempre para uma espiritualidade ou abstração³ como expressão de uma razão absoluta e providencial.

À medida que Camus se aprofunda em sua reflexão sobre o absurdo e a nostalgia de unidade, é perceptível que o autor também deseja resgatar uma unidade com o mundo natural. Enquanto a unidade pretendida pela racionalidade moderna é, em último caso, a necessidade de controle dos fenômenos, encontramos na obra de Camus uma outra disposição para saciar o desejo por unidade, como registrado em *Bodas em Tipasa (1942)*. Todavia, esse desejo de unidade configura uma abordagem distinta do que argumentamos anteriormente. Ela não dispõe como fundamento a crença no absoluto da razão, ou nas emanções de outros mundos possíveis, mas sim, parte da relação direta com o mundo das sensações, e a aceitação de certo limite ou modéstia para a razão.

Não se trata aqui de negar a razão, ou ainda de forma mais radical, impor um irracionalismo para a epistemologia; o que Camus deseja expressar é que a razão tenta abarcar uma totalidade que ela não pode reduzir, forças que não estão à mercê da vontade humana. A busca pela unidade sensível como a natureza deseja, escapar do movimento de redução operado por força do pensamento, as manifestações do mundo natural em uma forma sistemática que tudo deseja compreender, tornando assim o real em “matéria” do pensamento e o pensamento como expressão do real, marcam esse salto que a modernidade reafirma as pretensões de Parmênides ao impor a realidade a natureza do próprio pensamento (Camus, 2018, p. 28-29). É perceptível que o autor está mais próximo no trato da razão com a fenomenologia, há um diálogo extenso no texto sobre a natureza propositiva de uma razão descritiva.

O argumento se estabelece justamente a partir da função descritiva da razão sobre os fenômenos do mundo, e recua à medida que a razão abandona a descrição e parte para especulação dos entes suprassensíveis. Não é uma compressão muito distante da tradição fenomenológica. Camus deseja destituir a faculdade da razão de qualquer expectativa de apreensão do mundo em sua realidade última. Para ele, a razão deve assumir um papel descritivo dos fenômenos, o conhecimento das coisas é um conhecimento representativo.

³ É a partir dessa condição sempre de salto para uma metafísica ou abstração que Camus chama de suicídio filosófico. A leitura que Camus faz da filosofia existencial com que ele teve contato é marcada por esse movimento comum. Todos reconhecem a condição humana como marcada pela contradição, ou a finitude, e todos desejam de alguma forma escapar dessa condição, seja acrescentando o divino ao dinamismo ou finalidade das coisas, ou o nada como forma de escapar da contradição permanente da condição humana. O suicídio filosófico não é um movimento aceitável para Camus pois estaria acrescentando a dinâmica da existência itens que não são pertencentes a contingência. Ele advoga a manutenção da contingência e não o “salto de fé” (Bernardo, 2023, p. 38).

A razão deve conduzir os termos para uma unidade com o mundo, partindo da relação entre as sensações do mundo e da consciência da finitude (Bernardo, 2023, p. 24). Salientando que essa possibilidade de “unidade com o mundo” não almeja o domínio, ou a total ingerência racional sobre a natureza. Nessa pretensão de unidade há internamente a compreensão da fuga, ou afastamento do mundo natural. Por mais que para Camus compreender o mundo seja uma tentativa de reduzi-lo aos juízos humanos, essa unidade com o mundo, é por sua vez, descritiva e experiencial. Na busca dessa unidade com o mundo, a aceitação do limite da razão e a aceitação do elemento trágico da finitude são modos de ressignificar o lugar do ser humano em sua nostalgia. E, isso dá à existência uma outra possibilidade de relação.

Não buscamos lições, nem a amarga filosofia que se exige da grandeza. Além do sol, dos beijos e dos perfumes selvagens, tudo o mais nos parece fútil. Quanto a mim, não procuro estar sozinho nesse lugar. Muitas vezes estive aqui com aqueles que amava, e discernia em seus traços o claro sorriso que neles tomava a face do amor. Deixo a outros a ordem e a medida. Domina-me por completo a grande libertinagem da natureza e do mar. Nesse casamento de ruínas com a primavera, as ruínas tornaram-se em pedras novamente e, tendo perdido o polimento imposto pelo homem, reintegraram-se na natureza (Camus, 2021, p. 10).

A unidade com a natureza é marcada pelo resgate da sensibilidade e do caráter fugidio do mundo, para descrever uma experiência singular da existência (Bernardes, 2023, p. 40). É inegável a influência do pensamento trágico nessa compreensão de Camus sobre as fontes que devem direcionar a unidade com o mundo e a existência humana. Afinal, a felicidade e o absurdo são conteúdos irmanados da contingência para Camus; a finitude e a felicidade são dois elementos que coexistem na existência humana e podem ser alcançados numa lucidez diante da relação entre o indivíduo e o mundo (Camus, 2018, p. 140). O mundo que o sentimento do absurdo inaugura é um mundo onde a felicidade e a contradição existencial são oriundas de uma mesma dinâmica. O sentido da vida é trágico, mas não necessariamente desprovido de vivacidade. E, mediante a isso, o autor expressa sua própria limitação como ser humano de ter acesso a conhecimentos e verdades profundas da realidade. E, mediante essa insuficiência, nós apostamos em verdades e conceitos que nascem do afã da razão de tudo clarear, de tudo reduzir à matéria do pensamento. Ou seja, Camus evoca uma razão consciente de seus limites para atenuar a diáspora entre o ser humano e o mundo indiferente que o cerca e se nega a ele nesses termos onde reina o desejo de unidade (Camus, 2018, p. 65-66). E dessa forma reorientar

os valores que compõem o imaginário do sentido da vida.

Para o autor, negar a vida pela falta de sentido prévio do mundo é uma consequência nefasta dos equívocos da razão ocidental ou da mística maniqueísta do ocidente (Camus, 2018, p. 22). A vida não se constitui seu sentido por uma necessidade abstrata de finalidade e regularidade do mundo. O sentido da vida, para o autor, é uma consequência de uma disposição do indivíduo que é extraída da experiência direta com o mundo e da realização do próprio movimento cotidiano. A superação do absurdo não é o objetivo dessa disposição do indivíduo, mas sua manutenção. Camus deseja conservar a relação de atrito entre essas forças justamente por compreender que elas estabelecem campos de possibilidade sensível (Camus, 2018, p. 33). A sensibilidade, a natureza e a finitude devem ser as fontes de onde os valores afirmativos de um sentido provisório para a vida devem emergir. Como já foi dito, não se trata de apostar tudo num irracionalismo ou num hedonismo; trata-se de reorientar as possibilidades do viver para uma medida contingente e sensível.

Dentro em pouco, quando me atirar nos absintos para fazer o perfume deles entrar em meu corpo, tomarei consciência, contra todos os preconceitos, de estar realizando uma verdade, que é a do sol, e será também a da minha morte. Em certo sentido, é bem a minha vida que jogo aqui, uma vida com gosto de pedra quente, cheia dos suspiros do mar e das cigarras que começam agora a cantar. A brisa é fresca, e o céu, azul. Gosto desta vida com abandono e quero falar dela com liberdade: ela me dá orgulho de minha condição de homem. No entanto, muitas vezes disseram a mim: não há de que se orgulhar. Sim, há de quê: deste sol, deste mar, de meu coração pulando de juventude, de meu corpo com gosto de sal e do imenso cenário em que a ternura e a glória se encontram no amarelo e no azul (Camus, 2021, p. 12).

Os elementos que compõem, então, a sensibilidade que abre as portas da consciência para o absurdo está evidente: este mundo irreduzível e esta consciência faminta por unidade e pelo absoluto se atritam no movimento cotidiano do próprio ser humano. Quanto mais radical é o movimento da razão em estabelecer uma ordem para o mundo fenomênico, maior é a cisão que se estabelece entre esses polos. O movimento de atrito deve inaugurar uma nova disposição afirmativa para a vida, como se o movimento de atrito entre elas se mantivesse dialeticamente, pois quando o mundo natural se revela como fenômeno, ele se nega como totalidade ao sujeito.

Quanto mais severas são as pretensões do humano em reduzir a realidade às matérias do pensamento, maior será o atrito, a fratura, a queda entre o que deseja conhecer e aquilo que é irreduzível. E, com o objetivo de representar essa dinâmica de forças e de

construir uma imagem sólida de uma percepção existencial, Camus faz a releitura do mito de Sísifo, elevando-o ao lugar de herói absurdo. Sísifo ilustra para Camus a condição humana de forma abrangente e estabelece a lucidez que provém do absurdo como um elemento de subversão da condenação do “proletário dos deuses” (Camus, 2018, p. 139). A consciência do absurdo inaugura um novo modo de compreensão da condição humana.

Elementos como a esperança, as certezas cegas são afastadas em prol de uma compreensão trágica da condição. Sísifo é o modelo de uma vida que abraça a tragédia de sua condição para alcançar a autonomia, ou o que mais próximo podemos chegar da felicidade. Aqui encarnada nas inúmeras possibilidades de levar a vida adiante. Diferente da grande parte do pensamento existencial de sua época, onde a contrição, o absurdo são encarados como um início para uma consciência mais livre da própria existência. Se uma vez ligada à nostalgia de unidade, a existência humana aspirava a outros mundos para se afirmar, na unidade com o mundo proposta por Camus, a existência abraça sua forma mais livre, ou seja, ela não estará presa à esperança vindoura ou a uma hierarquia metafísica de valores que não são suficientes para dar a ela completude. A consciência do absurdo devolve ao indivíduo a capacidade de abraçar o limite e o trágico como valores afirmativos de uma vida que deseja unicamente esgotar as possibilidades da experiência contingente. O mundo é a única possibilidade de experimentar a felicidade e, da mesma forma, o absurdo.

O que resta é um destino cuja única saída é fatal. À margem dessa fatalidade única da morte, tudo, alegria ou felicidade, é liberdade. Surge um mundo cujo único dono é o homem. O que o atava era a ilusão de outro mundo. A sorte do seu pensamento já não é renunciar a si, mas renovar-se em imagens. Ele se representa — em mitos, sem dúvida —, mas mitos sem outra profundidade senão a dor humana e, como esta, inesgotável. Não mais a fábula divina que diverte e cega, mas o rosto, o gesto e o drama terrenos em que se resumem uma difícil sabedoria e uma paixão sem amanhã (Camus, 2018, p. 133).

A consciência que emerge da experiência com o absurdo é uma existência livre dos símbolos e imagens dispostas pela consciência e sua nostalgia de unidade, mas essa liberdade não representa uma onipotência ou libertinagem. Pelo contrário, uma vez superados os símbolos da nostalgia e abraçada a unidade com o mundo, o indivíduo está ligado diretamente à consciência de sua finitude e de uma vida que sabe que será fugaz. A rocha continua a rolar e há um dever para essa existência: esgotar a sensibilidade e abraçar a própria condição trágica. Camus ilustra bem essa passagem ao expressar a ideia da repetição do cotidiano de um trabalhador médio numa metrópole. A rotina, marcada pelo relógio, pela frenética e expressiva vida urbana entre escritórios e coletivos. Uma vez que

esse mundo de rotinas repletas de símbolos como “sucesso”, “o futuro”, “a conquista” é superada pelo movimento do mundo, essa consciência se abre para um mundo silencioso de sentido. Então, numa viela, curva ou num gesto banal, este ser humano, criando em meio a tantos códigos, signos e símbolos, encontra-se com a hostilidade primitiva do mundo, e a consciência se abre para a lassidão e para o “por que vivemos?” (Camus, 2018, p. 27).

4 Considerações Finais

Por fim, a reflexão sobre a nostalgia de unidade e sua relação com o absurdo revelam uma camada bastante substancial do pensamento de Camus. Os modos como a razão, que inicia seu movimento em diferenciar o verdadeiro do falso, também se torna totalizante quando, para compensar a aridez existencial da condição humana constrói em torno de si um mundo simbólico na tentativa de ordenar um mundo irreduzível e incomunicável. A nostalgia de unidade busca estruturar uma teia de símbolos para dar uma face inteligível ao silêncio do mundo fenomênico, uma vez que a natureza é coberta com aspectos antropomórficos ou propositivos que justificam a vida, a identidade e o destino os seres humanos alcançam uma sensação de familiaridade. Este dinamismo que a nostalgia e a razão promovem sobre o mundo natural é um processo epistemológico, pois, no momento que estabelecemos categorias abstratas de leitura e interpretação dos fenômenos, estabelecemos também como esse mundo deve ser representado (Camus, 2018, p. 23).

Mediante essa compressão podemos observar como a nostalgia de unidade se modifica como resposta a sofisticação das estruturas racionais e suas ferramentas. A relação entre o ser humano e o mundo natural também se modifica e a separação humano e da natureza se intensifica à medida que os indivíduos têm mais contato com o mundo simbólico do que o mundo natural. Como podemos perceber até o momento, o conceito de nostalgia de unidade reflete uma cadeia inconsciente de sentimentos que cumprem um papel no campo da consciência, ordenar o mundo por categorias racionalizáveis. O desejo de clareza é que alimenta essa nostalgia inconsciente, mas à medida que emerge na consciência ele torna-se um modo singular do ser humano em se relacionar com os fenômenos da natureza, aqueles que estão sob nosso controle e aqueles que nós superamos.

O absurdo reside justamente na comparação entre o que o mundo deve ser, pelo desejo humano, em contraposição ao que ele é em sua totalidade irreduzível. A consciência

compara, registra, interpreta o mundo a partir de seus próprios símbolos e signos e é justamente essa comparação entre o desejo humano e a realidade fenomênica do mundo que liga os três elementos da equação sugerida por Camus. A consciência é desejante e o mundo é irreduzível, e o resultado da comparação entre esses elementos é o sentimento do absurdo. Para Camus essa tensão, esse atrito é o que alimenta sua sensibilidade como artista e que marca sua vida desde sua infância (Camus, 2019, p. 12). E, uma vez que esse atrito entre a nostalgia de unidade e o mundo natural é percebido no âmbito da consciência do indivíduo, uma nova possibilidade de relação pode ser compreendida. Pois, mesmo que exista um processo epistemológico no texto de Camus, esse movimento deve retornar ao problema original, que é um problema existencial por natureza: o sentido da vida.

Para tanto, o autor deseja reconduzir a consciência para uma unidade trágica com o mundo, o atrito entre o mundo e a consciência é potencializado pelo conjunto simbólico que ordena os contornos da existência singular dos indivíduos. Uma vez que a nossa nostalgia se encaminha para a sensibilidade, reconhecendo os limites da razão, e a condição finita da existência, encontramos o que para o autor são verdades naturais que ressignificam a experiência humana consigo e com o mundo. Não se trata de negar as possibilidades da razão, para Camus, trata-se de reconhecer que a realidade não pode ser conquistada em sua totalidade, e que o mundo é para além de todos os esforços da razão incognoscível em sua totalidade. E, para tal, a tensão entre a nostalgia, o irracional e o absurdo devem ser mantidos em nome de uma percepção trágica da existência que liberta a consciência da esperança além-mundo e o liga à vida contingente e unitária com a natureza.

Referências

BERNARDO, C. E. **Humanae Absurdum**: A Imagem do Humano na Obra de Albert Camus. Editora Appris, 2023.

CAMUS, A. **O avesso e o direito**. Tradução: Valerie Rumjanek. Editora Record, 2019.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Tradução: Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

CAMUS, A. **Bodas em Tipasa**. Tradução: Sérgio Milliet. Editora Record, 2021.

DA SILVA DUARTE, A. As relações entre retorno e glória na Odisseia. **Letras clássicas**,

n. 5, p. 89-97, 2001.

ELIADE, M. **Origens, História E Sentido Na Religião**. Perspectivas do Homem (As Culturas, As Sociedades) 34. Edições 70. Lisboa, 1989.

PAIVA, R. Nostalgia de unidade: uma intersecção entre a psicanálise, a filosofia e a literatura. **Discurso**, n. 39, p. 261-290, 2009.

PIMENTA, D. R. O absurdo Camusiano em "O mito de Sísifo". **Jangada: crítica | literatura | artes**, v. 6, n. 2, p. 52-67, 2018.

REYNOLDS, J. **Existencialismo**. Editora Vozes Limitada, 2012.